

Criação de desafios e percursos metodológicos para um ensino da cor crítico e reflexivo

Creation of Challenges and Methodological Pathways for a Critical and Reflective Color Education

DOI: <https://doi.org/10.5965/235809252912025e0006>

Fabio Luis Savicki Henschel¹

Orcid: 0000-0002-5697-2592

Jociele Lampert²

Orcid: 0000-0003-0963-0925

Recebido: 14/04/2024

Aprovado: 21/11/2025

Publicado: 23/12/2025

¹ Mestre em Ensino das Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAV/UDESC). Professor e artista visual, integra o Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke (UDESC). Atualmente, atua como professor colaborador no Departamento de Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (DAV/UDESC). <http://lattes.cnpq.br/8056441618181371> E-mail: fabio.henschel@gmail.com

² Professora Titular da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e Professora Investigadora Visitante na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL/CIEBA/ULisboa). Doutora em Artes Visuais pela ECA/USP (2009) e Mestre em Educação pela UFSM (2005). Coordena o Estúdio de Pintura Apotheke (UDESC) e atua como Editora-Chefe da Revista Apotheke. <http://lattes.cnpq.br/7149902931231225> E-mail: jocielelampert@uol.com.br

Resumo

Este artigo apresenta reflexões e proposições metodológicas para o ensino da cor a partir da atuação do professor artista, considerando os múltiplos modos pelos quais a cor se manifesta nos processos de criação, ensino e aprendizagem. A investigação parte da questão “Como ensinar a cor e suas multiplicidades de forma crítica e reflexiva?” e fundamenta-se nos conceitos de experiência, continuidade e interação de John Dewey (1959, 1979, 2002, 2010), bem como na metodologia a/r/tográfica proposta por Irwin (2013, 2016), compreendida como campo de práxis e procedimento de coleta. As ações analisadas foram desenvolvidas em diferentes contextos formativos, envolvendo escola pública, ensino superior, e utilizaram o Círculo Cromático Modular como objeto propositivo para a construção de desafios cromáticos voltados à percepção, experimentação e análise da cor. O estudo articula dimensões pedagógicas, artísticas e investigativas, propondo abordagens que ampliam a compreensão e o tratamento da cor nos campos da arte e da educação.

Palavras-chave: Experiência. Ensino das Artes Visuais. Círculo Cromático Modular. Desafios Cromáticos.

Abstract

This article presents reflections and methodological propositions for teaching color from the perspective of the artist-teacher, considering the multiple ways in which color manifests in creative, pedagogical, and learning processes. The investigation departs from the question “How can color and its multiplicities be taught in a critical and reflective way?” and is grounded in John Dewey’s concepts of experience, continuity, and interaction (1959, 1979, 2002, 2010), as well as in the a/r/tographic methodology proposed by Irwin (2013, 2016), understood as a field of praxis and a mode of inquiry. The actions analyzed were developed in different educational contexts, including public schooling and higher education, and employed the Modular Color Wheel (CCM) as a propositional device for constructing chromatic challenges aimed at perception, experimentation, and color analysis. The study articulates pedagogical, artistic, and investigative dimensions, proposing approaches that expand the understanding and treatment of color within the fields of art and education.

Keywords: Experience. Visual Arts Education. Modular Color Wheel. Chromatic Challenges.

Introdução

Este texto apresenta percepções e reflexões advindas de minha Dissertação de Mestrado em Artes Visuais, intitulada “Apreender com Johannes Itten: criação de desafios para um ensino da cor crítico e reflexivo”, realizada no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), defendida no ano de 2023 sob orientação da Professora Titular Dra. Jociele Lampert. Tal pesquisa estruturou-se dentro de um percurso investigativo de base a/r/tográfica, orientado à integração entre prática artística, reflexão crítica e ensino da arte, com o objetivo de ampliar o campo do ensino cromático por meio de ações formativas, como aulas, minicursos e micro práticas³, direcionadas a estudantes e professores da Educação Básica, bem como a artistas e docentes em formação. Neste artigo, por tratar e seguir por um modo a/r/tográfico de pesquisa, escrita, e reflexão opto pelo uso da primeira pessoa, reconhecendo a experiência subjetiva como parte constitutiva do processo investigativo. Assim, neste recorte busco apresentar reflexões e aspectos de continuidade que se desdobram das experiências analisadas até minha prática atual, articulando também elementos da minha própria produção artística. Compreendo essa prática, especialmente a pictórica, como dimensão indissociável do percurso investigativo e formativo que estrutura esta pesquisa.

Os fundamentos teóricos do estudo sustentaram-se em três eixos principais: a articulação entre os conceitos de *experiência, continuidade e interação*, conforme propostos por John Dewey (1959, 1979, 2002, 2010); a teoria cromática dos contrastes, desenvolvida por Johannes Itten (1973), que aqui orienta-me em uma abordagem investigativa e consciente do ensino da cor e do processo pictórico; e a metodologia a/r/tográfica, delineada por Rita Irwin (2013, 2016), que integrou as reflexões que venho tecendo sobre os campos da docência, da prática artística e da pesquisa, estabelecendo entre eles uma relação dinâmica e interdependente.

Caminhos a/r/tográficos

Desenvolvida por Rita Irwin, professora e pesquisadora da *University of British Columbia* (Canadá), a a/r/tografia constitui uma metodologia de pesquisa baseada na prática, enraizada nas artes e na educação.

³ As micropráticas, propostas pelo Estúdio de Pintura Apotheke (UDESC), são ações formativas breves, de caráter experimental, que articulam criação, investigação e docência em pintura e estudos cromáticos. Funcionam como workshops imersivos orientados por desafios, mobilizando práticas coletivas e metodologias de caráter experiencial, em diálogo com princípios de Dewey. Integram o projeto de pesquisa “O estúdio de pintura como laboratório de ensino e aprendizagem em artes visuais”, coordenado pela Prof.^a Dra. Jociele Lampert. Fonte: <https://www.apothekeestudiodepintura.com>.

Vinculada às metodologias de Pesquisa Baseada em Arte (PBA), destaca-se por compreender o ato de ensinar, criar e investigar como dimensões interligadas de um mesmo processo formativo. Assim, adotar a a/r/tografia implica reconhecer o caráter educativo e artístico do fazer docente, no qual a prática artística e o ensino se entrelaçam como instâncias complementares da experiência investigativa e pictórica.

Rita Irwin desenvolveu a metodologia a/r/tográfica a partir do legado teórico de Elliot W. Eisner (1933-2014) e Tom Barone (1944), que, ao consolidarem a PBA em 2012, defenderam formas expressivas capazes de apreender dimensões qualitativas da experiência humana, valorizando linguagem poética, narrativa e sensível como modos legítimos de produção de conhecimento (Barone; Eisner, 2011). Ao expandir esses princípios, Irwin (2013; 2016) propôs a a/r/tografia como uma metodologia relacional que integra arte, docência e pesquisa em um mesmo campo investigativo. Nessa abordagem, os papéis de artista, pesquisador e professor articulam-se em um espaço híbrido no qual saber, fazer e criar se entrelaçam, configurando uma linguagem flexível que reconhece identidades múltiplas e experiências em constante transformação. Trata-se de uma prática que opera em zonas liminares e deslocamentos, buscando, por meio da criação, revelar compreensões sutis muitas vezes inacessíveis às metodologias convencionais de pesquisa.

A ressonância do fluxo a/r/tográfico, nutrido pela vida em comunidade e pela prática artística coletiva, tornou-se decisiva para a criação do Círculo Cromático Modular (CCM) como objeto propositivo. As demandas identificadas no ensino da cor, frequentemente carente de abordagens atualizadas, orientaram a busca por soluções operativas que respondessem às necessidades formativas do professor artista assim como dos contextos com os quais interajo. Nessa direção, compreendo a a/r/tografia como um espaço intercorpóreo e imprevisível que convoca a explorar saberes situados em outras dimensões das linguagens artísticas ou mesmo além delas (Irwin; Springgay, 2013), ultrapassando modelos convencionais de escrita e favorecendo modos de expressão que ampliam as possibilidades de construção e circulação do conhecimento. Neste estudo, esse fluxo manifestou-se nas relações estabelecidas entre a formulação do

problema de pesquisa, as ações desenvolvidas no Estúdio de Pintura Apotheke⁴, minha prática pictórica e o estudo da cor fundamentado nas contribuições de Johannes Itten.

De acordo com Silva (2022), o(a) a/r/tógrafo(a) é impulsionado(a) a estabelecer conexões entre os contextos que habita, orientando uma postura investigativa aberta, na qual a pesquisa se constitui a partir das experiências vividas e das relações que o pesquisador desenvolve em sua comunidade. Com base nessa perspectiva, comprehendo a a/r/tografia como um percurso que se entrelaça à minha trajetória, revelando dimensões autobiográficas que emergem do fazer docente e artístico. As coletas realizadas em contextos escolares e universitários integram esse processo, pois nelas reconheço gestos, diálogos e situações que configuram a pesquisa como experiência viva. A sala de aula, o pátio/ateliê da escola, os ateliês da universidade e as ações de pesquisa e extensão tornam-se espaços de construção contínua, nos quais arte e ensino se atravessam e produzem aprendizagens compartilhadas.

Ser professor artista

Compreendo-me como professor artista. Reconheço-me nesse conceito porque não me desvinculo de uma docência investigativa sustentada pelo fazer artístico. Em meu percurso não me bastam apenas os territórios pedagógicos ou apenas a produção artística; ambos constituem eixos de atravessamento que moldam minha postura como sujeito artístico e fundamentam minha formação pessoal e profissional. A pintura, o estudo aprofundado da cor, da forma e da paisagem compõem o núcleo que orienta meus planejamentos e estruturam o modo como construo o ensino em diálogo com aqueles que dele participam. Nesse contexto de reconhecimento identitário, os escritos de Joaquim Jesus (2016) tornam-se referência essencial para compreender as dimensões subjetivas, processuais e conceituais dessa figura híbrida que se move entre a criação e a docência.

⁴ O Estúdio de Pintura Apotheke é um programa de extensão permanente do Centro de Artes da UDESC, coordenado pela Professora Titular Dra. Jociele Lampert. O programa desenvolve ações formativas em pintura, como minicursos, micropráticas, palestras, aulas abertas e residências artisticopedagógicas, destinadas a estudantes de graduação, pós-graduação e à comunidade interna e externa à universidade. Suas ações promovem o aprofundamento técnico, conceitual e processual no campo pictórico experimental, estruturando o diálogo entre artistas, docentes e pesquisadores. O Estúdio articula em suas ações parcerias interinstitucionais, nacionais e internacionais, ampliando a circulação de pesquisa por meio da produção de teses e dissertações que contribuem para processos de internacionalização da pesquisa e da formação artística dentro e fora do Brasil. Fonte: <https://www.apothekeestudiodepintura.com>.

Conforme o autor, a constituição do professor-artista⁵ é profundamente imbricada na subjetividade do sujeito docente, ser que articula os gestos da arte e do ensino em sua maneira de estar e agir no mundo. O desenvolvimento dessa subjetividade vincula-se à singularidade do processo artístico e às experiências produzidas nos territórios da arte-educação, onde a docência se afirma também como prática estética. Ao definir-se como professor-artista, Jesus (2016) reconhece em sua prática uma simbiose dinâmica entre criação e docência, na qual o fazer artístico e o ato de ensinar se atravessam continuamente. O conceito formulado pelo autor delineia uma construção subjetiva em devir, situada no encontro entre arte e docência e sustentada por uma postura reflexiva diante do próprio processo de ensinar e criar, em um movimento contínuo em que o criar ensina e o ensinar cria. Essa condição, que me é tão cara, torna porosa a leitura que venho construindo sobre os espaços da arte, ampliando o ateliê para o ambiente escolar e transformando o ensino em território de invenção e pensamento crítico. Tal compreensão aproxima-se da noção de experiência em Dewey (2010), para quem aprender significa participar de um movimento contínuo de ação e reflexão, no qual o conhecimento se constitui na própria vivência estética. Nesse contexto, o professor artista se afirma como sujeito da experiência, aquele que aprende e ensina ao criar, experimentar e refletir sobre o mundo.

Cor e a dimensão das experiências singulares

Durante minha formação básica, o estudo sistemático da cor e de outros elementos da linguagem visual foi frequentemente negligenciado, enquanto a ideia de expressão individual ocupava lugar central. Essa ausência de um olhar para a cor como campo de conhecimento investigativo e inventivo sempre me causou inquietação. *Seria a cor um conteúdo restrito à experimentação empírica? algo a ser aprendido apenas pela mistura de tintas?*

Com o passar dos anos, agora como pesquisador, comprehendo que os processos de estudo, ensino e aprendizagem da cor são amplos e demandam formas mais consistentes de assimilação no campo formativo. Essa problemática orienta minha investigação e reforça o compromisso de pensar a cor de maneira mais alargada, atualizando suas especificidades em cada contexto de ensino e criação. Nesse

⁵ O autor utiliza o hífen na construção do termo professor-artista, ressaltando a fusão entre duas identidades que se interpenetram e coexistem. Neste texto, contudo, o termo será apresentado de duas maneiras: com hífen, quando em referência direta ao autor, e sem hífen, quando empregado de forma autoral, em consonância com minha própria relação e construção subjetiva com o conceito. Opto, portanto, por suprimir o hífen, buscando uma formulação que preserve a autonomia e a densidade de cada palavra — professor e artista — sem a subordinação de uma à outra. Essa escolha não constitui uma crítica ao autor, mas uma adequação terminológica que reflete minha experiência docente e minha compreensão da docência como espaço de criação, trânsito e singularidade.

horizonte, reconheço que o estudo da cor e das metodologias operativas vinculadas aos processos pictóricos assume papel estruturante na forma como analiso os espaços de aprendizagem. Trata-se de um campo de experiência no qual o amadurecimento poético e a produção de conhecimento emergem da relação entre criação e docência e os aspectos técnicos. Entre o sujeito e os contextos que mobilizam seus interesses e desejos com e sobre a cor.

Como referencial imersivo e recorte necessário dentro de uma ampla teoria cromática preexistente, volto meu olhar às contribuições de Johannes Itten (1888–1967), artista, professor e teórico da cor que integrou a Bauhaus entre 1919 e 1923. A Bauhaus, escola alemã de arte, design e arquitetura fundada por Walter Gropius (1883–1969), destacou-se por propor uma integração entre arte, ofício e vida, defendendo a unidade entre criação artística e prática pedagógica. Na fase inicial da Bauhaus, Itten desenvolveu uma abordagem autoral para o ensino da cor, sistematizando relações entre tonalidade, contraste e percepção, que resultaram na elaboração do círculo cromático e em princípios fundamentais para o estudo da arte moderna. Nesta pesquisa, esse referencial foi reconfigurado para adquirir corpo, movimento e novas intencionalidades investigativas, transformando-se em um objeto propositivo que articula desafios com e sobre a cor nos processos pictóricos, tanto em minha produção artística quanto nas práticas voltadas a percepção e apreensão dos fenômenos quanto no adensamento do ensino e da aprendizagem em pintura.

No Estúdio de Pintura Apotheke, grupo de estudos do qual faço parte, as teorias cromáticas elaboradas pelos mestres da Bauhaus permanecem como referência estruturante para pensar o ensino da cor. Há uma década, dedico-me, junto ao grupo, a atualizar e tensionar metodologicamente as investigações de Josef Albers (1888–1976), Wassily Kandinsky (1866–1944), Paul Klee (1879–1940) e Johannes Itten. Entre esses autores, o círculo cromático de Itten se destaca como eixo central para a compreensão das relações cromáticas, operando como ferramenta de introdução à linguagem pictórica e como suporte conceitual para estudos avançados do fazer artístico.

Embora precedido por diagramas clássicos – como os de Goethe (1810), Chevreul (1839) e Munsell (1905) –, Itten propôs uma síntese pedagógica singular ao articular teoria, percepção e prática artística em um modelo sistemático baseado nas cores primárias, secundárias, terciárias e nos sete contrastes cromáticos. Sua contribuição aproximou o estudo da cor das práticas de ateliê e dos processos formativos de artistas e professores que estudam seus contextos e a natureza de suas vontades ao interagirem com eles. Nesta pesquisa, retomo e busco atualizar esse legado ao transformar o círculo de Itten em um aparato metodológico expandido, capaz de operar como objeto propositivo em desafios de *percepção, análise e*

tradução cromática. Essa reinterpretação sustenta a continuidade do meu trabalho como professor artista e reafirma a cor como campo privilegiado de experiência, reflexão e invenção no ensino das artes visuais.



Figura 1: Círculo Cromático de doze cores de Johannes Itten (esquerda). Círculo cromático objeto, apresentando diferentes composições, destacando-se os cards e possíveis montagens compostivas (centro e direita).
(Fonte: Johannes Itten, 1973; produção e acervo do autor, 2022; acervo Estúdio de Pintura Apotheke , 2022).

O desejo por uma reconfiguração do círculo cromático de Itten ocorreu durante minhas orientações de mestrado, quando fui instigado a conferir mais movimento e interatividade ao diagrama bidimensional original. Nesse processo, reconheci a necessidade de explorar o diagrama explorando dele a tridimensionalidade, as modulações e as relações espaciais que ampliam sua dimensão perceptiva, convidativa e autônoma. Localizo nesse processo o lugar de criação do professor artista, cuja prática se constitui a partir dos desafios, demandas e referências que atravessam o contexto docente e orientam suas bases conceituais. A produção artística torna-se, assim, um meio para identificar e responder a questões do percurso investigativo, articulando pensar, fazer e ensinar. Nesse movimento, as dinâmicas associadas à abordagem a/r/tográfica, ao integrarem prática artística e pesquisa, reforçam a centralidade da experiência como forma de conhecimento no campo do ensino da cor.



Figura 2: Tríptico de Estudos para a série “Modulações Cromáticas”. Acrílica sobre papel preparado.

I, esquerda (35x20cm), II, centro (20x25cm), e III, direita (35x20cm).

(Fonte: Produção e acervo do autor, 2023).

Ao analisar as práticas de ensino e criação de Johannes Itten, reconheci a potência de sua metodologia como convite à experimentação e à consciência perceptiva. Inspirado por esse olhar, desenvolvi a série “Modulações Cromáticas” (Imagem 02), um conjunto de pinturas que investiga os sete contrastes cromáticos propostos por Itten (1973). Utilizei as caixas que compõem o círculo cromático como elementos de construção compositiva, buscando compreender, pela relação entre forma, figura e fundo, o comportamento da cor em situações concretas de contraste, equilíbrio e tensão. A produção pictórica assumiu um papel mais investigativo do que expressivo, permitindo repensar modos de aprender a partir da própria prática. Nesse sentido, a abordagem a/r/tográfica tornou-se essencial por acolher a indissociabilidade entre criação, docência e pesquisa, valorizando o pensamento visual e o aprendizado como experiência estética, conforme propõe Irwin (2013).

A série “Modulações Cromáticas” constitui apenas um dos desdobramentos das experimentações realizadas com o CCM. Esse dispositivo, constantemente reconfigurado, possibilita diferentes formas de uso e interpretação quando acionado de modo ativo e intencional. O que antes se apresentava como uma estrutura estática passou a operar como instrumento expandido de estudo e criação. Com o CCM, desenvolvo investigações sobre construção de paletas cromáticas, organização compositiva e exercícios de tradução de cor a partir de obras e imagens da cultura visual — como publicidade, cinema e moda. Exercícios que ampliam, de forma significativa, as articulações entre prática artística, pesquisa e teoria cromática.

Filosofia deweyana e a riqueza das experiências em um manchar contínuo

A abordagem a/r/tográfica nesta pesquisa assume um caráter pragmático sustentado na filosofia deweyana, a qual orienta a maneira como compreendo os processos de ensino e aprendizagem e as relações entre experiência e criação. Segundo Silva (2022), a arte aproxima-se de uma forma de pensar e agir no mundo, perspectiva alinhada aos princípios de John Dewey em Arte como Experiência (2010). O filósofo propôs uma concepção de conhecimento baseada na experiência como movimento contínuo entre ação e reflexão, ampliando a compreensão da arte como modo de investigação e formação. Essa visão influenciou profundamente a arte-educação e foi retomada por Elliot Eisner, que destacou a centralidade do sujeito e de suas experiências sensíveis na construção de saberes estéticos.

Compreendo, a partir de Dewey, que as experiências verdadeiras são aquelas que atravessam as pessoas e deixam marcas significativas de transformação em suas ações. Para o autor, uma experiência torna-se plena quando é levada ao seu máximo, integrando-se ao fluxo geral das vivências e estabelecendo continuidade entre o fazer e o refletir. Isso ocorre quando um desafio ou ação envolve o sujeito de forma consciente e ativa, em oposição a um agir mecânico desprovido de reflexão. Nesse sentido, o pensamento de Dewey orienta a criação de ações capazes de abrir novos caminhos e possibilidades para as experiências escolares relacionadas à cor e aos seus desdobramentos na arte. Ao dialogar com essa perspectiva, encontrei maior clareza para pensar os processos e desafios que atravessam minha prática.

Ao considerar os espaços de ensino e aprendizagem, Dewey compreendia a escola como uma instituição socialmente constituída para possibilitar a vivência e a assimilação da experiência em sociedade. Seu conceito de experiência singular fundamentava uma proposta educacional voltada à formação integral do sujeito. Para o autor, o grande desafio das sociedades modernas estava em preparar as novas gerações para lidar com a complexidade do mundo contemporâneo, em que apenas a instrução formal e o exemplo familiar já não eram suficientes. O pensamento, segundo Dewey, deveria funcionar como ferramenta ativa de mediação entre o saber e a prática, entre o conceito e a ação. Assim, pensar não se opõe ao fazer, mas se realiza nele, como movimento contínuo de reflexão e transformação. Em Democracia e Educação (1979), o autor reforça a necessidade de ensinar o conhecimento em relação direta com a experiência do aluno, destacando que a comunicação perde sentido quando o conteúdo não se vincula à vivência do aprendiz. Essa concepção, que denomina de “experiência educacional”, orienta minha própria compreensão de ensino: uma experiência só se torna verdadeiramente educativa quando integra continuidade, interação, e prática em comunidade.

Conforme observa Dewey (2010, p. 36), o princípio de continuidade pressupõe que cada experiência, em sua singularidade, incorpora elementos de vivências anteriores e, simultaneamente, condiciona a constituição das experiências subsequentes. Sob essa perspectiva, o processo educativo configura-se como permanente e cumulativo, uma vez que o significado atribuído ao aprendizado amplia a capacidade de compreender e intervir na realidade. No contexto desta pesquisa, a continuidade sustenta a elaboração de exercícios e desafios cromáticos orientados à construção de sentidos para novas experiências e à ampliação das relações perceptivas e conceituais com a cor. Uma prática intencionalmente conduzida, que toma a cor como mediadora entre percepção e pensamento, pode converter-se em experiência formativa e desencadear processos de investigação e criação.

Para Dewey (1959, p. 45), a mera transmissão de conteúdos não é suficiente para a efetivação do aprendizado. O autor defende que o papel da escola moderna consiste em reorganizar as experiências dos estudantes, articulando o conhecimento à vida cotidiana e capacitando-os para a ação reflexiva no presente. Tal concepção fundamenta-se na superação das dicotomias entre teoria e prática, pensamento e ação, situando o saber como resultado de um processo de mediação e não como um fim em si mesmo. Ao estabelecer a relação intrínseca entre continuidade, educação e democracia, Dewey propõe um modelo pedagógico que se distancia das concepções tradicionais, nas quais o conhecimento é tratado como verdade acabada e imutável. Essa concepção sustenta a presente investigação, em que o ensino da cor é compreendido como campo de problematização constante, vinculado à experiência, ao contexto e às práticas investigativas do professor artista.

Dewey defende a criação de condições educativas que estimulem o desenvolvimento do pensamento autônomo, crítico e reflexivo. Sua concepção de educação progressiva entende a democracia não apenas como sistema político, mas como forma de vida baseada na cooperação, na liberdade de pensamento e na corresponsabilidade dos sujeitos no processo educativo. Viver democraticamente significa, para o autor, participar ativamente das transformações do mundo, compreendendo-se como parte de um contexto em constante movimento. Por essa razão, Dewey rejeita qualquer estrutura rígida que limite o crescimento humano a padrões fixos de comportamento ou de conhecimento. O princípio de continuidade, nesse sentido, traduz o processo de crescimento físico, moral e intelectual, e encontra na prática educativa sua dimensão mais concreta: o aprendizado como construção compartilhada e processual, no qual o desenvolvimento individual está intrinsecamente vinculado ao progresso coletivo.

O segundo princípio, o da interação, complementa o anterior ao afirmar que toda experiência resulta da relação entre o sujeito e o meio. Para Dewey (1979, p. 34), tanto os fatores internos quanto as condições externas exercem influência equivalente na formação do indivíduo. A experiência educativa, portanto, depende da qualidade das interações que o aluno estabelece com o ambiente, os materiais e as pessoas. No contexto desta pesquisa, essa perspectiva traduz-se na concepção de um espaço pedagógico mais participativo, no qual a prática artística e o estudo da cor se organizam de modo colaborativo e experimental.

O CCM, nesse cenário, assume papel central como um aparato democrático de ensino e aprendizagem. Seu formato articulável, tridimensional e modular possibilita que os estudantes explorem combinações, variações e contrastes de cor de modo autônomo, formulando hipóteses e testando relações que emergem da prática. Ao mediar o uso do CCM, busco instaurar situações de diálogo e corresponsabilidade, nas quais o conhecimento é construído coletivamente. Essa manipulação orientada do objeto, aliada à troca entre os participantes, favorece práticas horizontais de ensino, em que atuo como proposito e mediador, e não como detentor exclusivo do saber. Do ponto de vista técnico, percebo que o CCM conduz, de maneira quase intuitiva, a um trabalho colaborativo que se estabelece com naturalidade. A dinâmica de uso favorece a negociação de decisões cromáticas e a observação crítica dos processos, configurando um ambiente de experimentação que materializa os princípios democráticos de participação, liberdade e responsabilidade compartilhada propostos por Dewey. Assim, o círculo deixa de ser apenas uma ferramenta didática e transforma-se em um instrumento pedagógico dialógico, capaz de integrar criação, pensamento crítico e convivência democrática no fazer artístico.

Ações de coleta e desafios propostos: manchar e movimentar como verbos do professor artista

Os dados analisados nesta pesquisa originam-se de distintos contextos formativos, envolvendo escola pública e universidade. A análise concentra-se na recepção, no uso e nos desdobramentos do CCM, considerando as formas de relação estabelecidas pelos participantes com este objeto propositivo e com os desafios cromáticos propostos. Este recorte permitiu compreender como o contato com o CCM potencializou processos de percepção, interpretação e criação, evidenciando modos variados de apropriação e de construção de saberes sobre a cor. Assim, os dados reunidos refletem não apenas

resultados formais das ações, mas sobretudo os movimentos de aprendizagem e diálogo desencadeados por esta interação.

Concentro, nos trechos a seguir, uma análise mais aprofundada das ações realizadas no contexto escolar. As demais experiências desenvolvidas em ambientes acadêmicos e em processos de formação docente também são apresentadas, porém de modo mais sintético, com o objetivo de evidenciar aspectos essenciais dessas trajetórias e a diversidade de contextos já percorridos pelo CCM.

As cores do pátio: os matizes da escola.

As primeiras experiências com o CCM no contexto escolar ocorreram na Escola de Educação Básica Rosa Torres de Miranda, instituição pública da rede estadual em Florianópolis, Santa Catarina, onde atuei como professor colaborador em 2023 e 2024. Parto do princípio de que o estudo da cor não deve se limitar a etapas específicas da formação básica, razão pela qual analiso a interação dos estudantes com o CCM a partir de ações já previstas no planejamento pedagógico, sem a criação de atividades excepcionais ou isoladas para a coleta da pesquisa. Para esta investigação, selecionei oito aulas desenvolvidas ao longo de duas semanas, envolvendo dois grupos distintos: duas turmas de 5º ano, com 43 estudantes de 10 a 11 anos em transição para os anos finais do Ensino Fundamental, e três turmas de 9º ano, com 89 estudantes de 14 a 15 anos que encerram essa etapa escolar. Foram conduzidas propostas de observação e experimentação cromática nas linguagens pictórica e fotográfica. Nestas, o pátio e o jardim foram acionados como ateliê expandido, favorecendo práticas investigativas voltadas à relação entre ambiente, luz, composição e percepção da cor.

Meu interesse recai em compreender como esses grupos percebem e mobilizam a cor em dimensões sensoriais e simbólicas, conforme orientam o Currículo Base do Território Catarinense (2019) e a Base Nacional Comum Curricular (2017). Embora a escola não disponha de sala específica de arte, seus espaços externos (corredores, pátios e jardins) possibilitaram práticas de observação e experimentação. Nesse conjunto de aulas, o pátio foi concebido como ateliê de observação, no qual os estudantes do 5º ano mapearam cores presentes na paisagem escolar por meio da coleta de folhas e outros elementos naturais. O círculo cromático serviu como referência para organizar as tonalidades encontradas e estabelecer relações comparativas com paletas de pinturas modernistas analisadas em aula, favorecendo um exercício integrado de percepção, sistematização cromática e leitura de imagem.



Figura 3: Fotomontagem. Práticas realizadas com o Círculo Cromático Modular com estudantes do 5º ano da Escola de Educação Básica Rosa Torres de Miranda, Florianópolis. (Fonte: Acervo Estúdio de Pintura Apotheke, 2022).

Percebo ao longo das aulas que a configuração do CCM em peças móveis intercambiáveis favorece um manuseio mais lúdico e uma montagem intuitiva mais negociável entre os envolvidos. Antes de iniciar a atividade de coleta de folhas, optei por não apresentar previamente a imagem do círculo cromático de Itten. Com objetivo de que os estudantes descobrissem o círculo por dedução e experimentação, construindo-o a partir do diálogo e da negociação. Propus, que montassem as peças sem revelar sua natureza ou finalidade, permitindo que a turma sentisse e compreendesse cada peça individualmente, criando vínculos perceptivos e cognitivos antes de alcançar a compreensão do conjunto com uma função específica.

Para tal, dividi a turma em duas equipes: a primeira ficou responsável pela exploração e montagem do CCM, dispondo de dez minutos para interagir com as peças; a segunda, no mesmo intervalo de tempo, deveria selecionar três imagens de pinturas do período modernista, brasileiro e europeu, impressas em formato A3 e com paletas variadas, com as quais sentissem identificação. As etapas do desafio ocorreram em espaços distintos, de modo que cada grupo desconhecia a ação do outro, favorecendo um processo autônomo de descoberta e posterior correlação entre as práticas.

O engajamento dos estudantes na manipulação das formas, na negociação de significados e na reorganização coletiva das peças do CCM evidencia a articulação entre pensamento e ação que Dewey (1959) identifica como núcleo da experiência educativa. Ao deduzirem o círculo cromático por meio da experimentação e do diálogo, as crianças transformaram o aprendizado da cor em um processo investigativo compartilhado, no qual o conhecimento emerge da interação entre corpo, ambiente e interpretação ativa. Nas duas turmas, distribuídas em quatro grupos, observei soluções diversas para o conjunto de caixas geométricas. Embora nenhum grupo tenha alcançado o formato do círculo cromático, as montagens revelaram inventividade e repertórios distintos, resultando em estruturas verticais e horizontais associadas a prédios, robôs, depósitos e animais. Após a explicitação da natureza do objeto, os estudantes rapidamente assimilaram sua lógica estrutural e compreenderam as relações entre peças, sequência de montagem e princípios de mistura cromática.

Na etapa subsequente, dedicada à coleta e classificação de folhas, as crianças, organizadas em duplas, percorreram o pátio escolar em busca das variações cromáticas presentes nas folhas caídas. Quanto maior a diversidade encontrada, mais ampla se tornava a composição cromática do grupo, favorecendo a construção de um repertório perceptivo capaz de reconhecer nuances antes não percebidas no ambiente escolar. As folhas coletadas foram separadas e dispostas no chão, formando um círculo cromático referenciado na prática da *land art*⁶.

O CCM, com seus cards de tons variados, atuou como referência para o agrupamento dos matizes. Como previsto, foram identificadas diversas tonalidades de verdes, amarelos e vermelhos. A surpresa, porém, esteve na percepção de variações azuladas e arroxeadas nas folhas secas, o que ampliou o repertório das crianças em relação às cores observadas na paisagem do pátio escolar.

A cor e o campo fotográfico: ensaios e contrastes

Nas três turmas do 9º ano, a sequência de aulas integrou a linguagem fotográfica ao estudo da teoria cromática, com o objetivo de articular o pensamento visual à compreensão das relações simbólicas,

⁶ A *land art*, surgida no final dos anos 1960, refere-se a práticas artísticas que utilizam diretamente a paisagem como suporte, matéria e contexto de criação, deslocando o fazer artístico para ambientes naturais e enfatizando relações entre corpo, espaço e temporalidade. Entre seus principais expoentes destacam-se **Robert Smithson** (1938–1973), com *Spiral Jetty* (1970), **Nancy Holt** (1938–2014), autora de *Sun Tunnels* (1976), e **Richard Long** (1945), com obras como *A Line Made by Walking* (1967). Essas práticas aproximam arte e ambiente, propondo intervenções que existem em permanente diálogo com processos naturais. Para referências institucionais, ver o **Smithsonian American Art Museum** (<https://americanart.si.edu>) e o **Glossary of Art Terms – MoMA** (https://www.moma.org/learn/moma_learning/glossary/#!).

expressivas e compostivas da cor. Após o estudo de fundamentos da fotografia (enquadramento, planos, composição e luz), os estudantes desenvolveram dois ensaios práticos complementares: o primeiro, de caráter documental, voltado à observação do espaço escolar; o segundo, de natureza encenada, direcionado à construção de atmosferas narrativas mediadas pela cor, pela forma e pelos contrastes presentes entre elementos e cenários.

Os ambientes externos da escola foram acionados como ateliê experimental. Na etapa documental, propus que os estudantes explorassem cantos, frestas e corredores, buscando enquadramentos que deslocassem o olhar cotidiano. O uso de pequenas tiras de acetato colorido sobre as lentes dos celulares permitiu alterar as relações de luz e cor, produzindo variações perceptivas que evidenciaram a influência das tonalidades na construção simbólica e compositiva das imagens. Na etapa seguinte, os estudantes mobilizaram referências retiradas de revistas de moda e reproduções de obras artísticas para criar ensaios ficcionais, nos quais a cor operou como elemento estruturante do clima dramático e da narrativa visual. Essa atividade reforçou o papel da cor como operador expressivo e conceitual, articulando percepção, criação e análise crítica no processo de formação do olhar

Na segunda semana, com as imagens já impressas em papel fotográfico, realizamos o exercício de construção de paleta-chave, também denominada paleta restrita, que consistiu na seleção e sistematização de seis tonalidades predominantes em cada fotografia. A análise das impressões favoreceu uma observação mais precisa das nuances cromáticas, permitindo identificar correspondências e contrastes entre matizes, luminosidades e temperaturas de cor. As paletas foram posteriormente fotografadas e catalogadas, integrando um conjunto de dados visuais que contribuiu para a compreensão dos procedimentos cromáticos adotados pelos estudantes. A atividade foi acompanhada de uma discussão orientada sobre o papel da cor como elemento estruturante na composição de narrativas visuais.



Figura 3: Fotomontagem. Ensaios fotográficos produzidos com estudantes do 9º ano da Escola de Educação Básica Rosa Torres de Miranda, Florianópolis, voltados ao estudo de contrastes e misturas cromáticas por meio da manipulação de luz, cor e enquadramento. (Fonte: Acervo Estúdio de Pintura Apotheke, 2022).

Percebo que, para além dos fundamentos cromáticos e de sua aplicação técnica, os desafios propostos desencadearam leituras e interpretações mais amplas sobre o sentido das imagens produzidas. A reflexão deslocou o enfoque de um exercício estritamente formal para uma compreensão crítica das implicações simbólicas e culturais da cor. As principais constatações emergiram da transformação perceptiva da paisagem escolar, que nas fotografias deixou de ser reconhecida como espaço cotidiano e passou a compor cenas descritas pelos estudantes como distópicas, desérticas e nebulosas. Esse deslocamento permitiu discutir como as estratégias cromáticas operam nos campos da publicidade, da cultura de massa e das redes sociais, influenciando comportamentos, modos de consumo e processos de subjetivação. Nesse movimento, os estudantes compreenderam que, ao mesmo tempo em que constroem imagens, também são constituídos por elas, reconhecendo a cor como fator ativo na formação de narrativas visuais e na produção de sentidos no cotidiano.

Círculo Cromático Modular em movimento: continuidades e investigações em outros contextos formativos

Em 2022, no âmbito universitário, realizei coletas vinculadas à Universidade Federal do Amapá, a convite do Prof. Dr. Fabio Wosniak, em colaboração com professores da rede estadual de ensino de Macapá e de municípios do interior e estudantes da Licenciatura em Artes Visuais. A microprática “*Contrastes Cromáticos: Imagens do cinema latino-americano, estudos cromáticos de Johannes Itten e processo pictórico*” e o minicurso “*Trânsitos entre pintura e documentação pedagógica*” articularam teoria cromática, cultura visual e experimentação pictórica, promovendo discussões sobre documentação pedagógica, prática artística como repertório docente e pintura contemporânea brasileira em diálogo com produções do cinema latino-americano. Nessas ações, o CCM funcionou como mediador entre criação, reflexão e ensino. Essa colaboração interinstitucional integra uma rede de ações promovidas pelo Estúdio de Pintura Apotheke, o *Apotheke em Rede*⁷.

As ações de micropráticas destinadas aos graduandos do curso de Artes Visuais tiveram como foco a produção pictórica do professor artista em formação, considerando seu processo poético e a construção de repertórios imagéticos. A partir de cenas de filmes de diferentes países latino-americanos, como Brasil, Argentina, Chile e Venezuela, os estudantes desenvolveram montagens e reconfigurações visuais em seus processos de criação. Eles utilizaram os cards do CCM como referência para a elaboração de contrastes e paletas cromáticas, posteriormente materializadas com tinta guache sobre papel, a exemplo das Imagens 4 e 5.

⁷ Ampliando os territórios do Estúdio de Pintura Apotheke, o Apotheke em rede, configura-se em ações de pesquisa, ensino e extensão interdepartamentais e interinstitucionais envolvendo instituições nacionais e internacionais colaboradoras. Os coordenadores de tais ações são participantes do Estúdio de Pintura Apotheke e vinculam-se desde 2014 aos projetos de graduação e pós-graduação idealizados pela Profa. Dra. Jociele Lampert, na UDESC. São parcerias, que colaboram para um ensino público, gratuito e de excelência no âmbito de ensino, pesquisa e extensão universitária, com o objetivo de manter instituições abertas à comunidade interessada. Apotheke em rede trabalha e articula-se na colaboração, cooperação, interação e continuidade, princípios básicos de John Dewey, referência para os estudos da arte como experiência desenvolvido pelo grupo desde 2013. Fonte: <https://www.apothekeestudiodepintura.com/apotheke-em-rede>.



Figura 4: Registros da Microprática "Contrastes Cromáticos: Imagens do Cinema Latino-americano, Estudos Cromáticos de Johannes Itten e Processo Pictórico", realizado com estudantes de graduação do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Amapá. Nas imagens, utilização do CCM para tradução de atmosfera cinematográfica para composição pictórica. (Fonte: Acervo Estúdio de Pintura Apotheke, 2022).

Com um olhar mais atento e analítico sobre as imagens produzidas, conversamos e observamos que as escolhas cromáticas se afastaram do repertório habitual dos participantes, rompendo com o imaginário recorrente presente em suas produções individuais. Essa mudança possibilitou uma sofisticação narrativa e uma abertura perceptiva a nuances até então pouco exploradas. Muitos participantes, ao serem desafiados a trabalhar com um contraste cromático previamente determinado, relataram ter adquirido nova compreensão sobre a característica da cor carregada de predefinições, antes restrita às suas preferências pessoais e escolhas recorrentes de paleta. Compreendo, assim, que a elaboração de desafios dentro destas micro práticas constitui um mecanismo propositivo essencial pois instauram situações que direcionam a experimentação, a tomada de decisão e o pensamento crítico.

Ao aproximar os estudos cromáticos de Johannes Itten das experiências e problemáticas reais dos participantes, busquei tornar mais significativa a relação entre cor, sujeito e mundo. Nessa perspectiva, a cor deixa de ser apenas um elemento técnico e passa a funcionar como agente mediador, capaz de mobilizar reflexões sobre os modos de ver, produzir e se relacionar com as imagens e com os processos artísticos.

Já em outra perspectiva, voltada ao campo do ensino, durante o minicurso realizado com professores da rede estadual de ensino do Amapá, busquei construir análises, a partir de experimentações pictóricas e discussões coletivas, que possibilassem compreender as práticas docentes e as relações que os participantes estabelecem com o uso da cor em seus contextos escolares. Meu interesse concentrava-se em investigar as características regionais do ensino da cor, observando aproximações, singularidades e especificidades materiais que emergem das condições locais de trabalho e dos modos de produção artística presentes na região.

De modo teórico e por meio de desafios práticos, apresentei materiais e resultados parciais de minha pesquisa, tomando os estudos de Johannes Itten como eixo para refletir sobre novas abordagens metodológicas no ensino da cor. Busquei articular noções já presentes nas práticas docentes dos participantes com os princípios dos contrastes cromáticos propostos por Itten, promovendo relações entre teoria e prática. Para isso, utilizei imagens impressas em preto e branco, de modo que os participantes pudessem analisar a valoração tonal antes de iniciar os estudos cromáticos. Durante o minicurso, utilizei o CCM como instrumento de aproximação entre os professores e as práticas de observação e leitura cromática que antecedem o processo pictórico. Muitos participantes mencionaram não trabalhar com pintura há vários anos, o que evidenciou o distanciamento entre a prática artística e a rotina escolar. Na sequência, realizaram exercícios em guache sobre papel, construindo contrastes organizados em trios de cores, o que possibilitou compreender de forma prática as relações entre valor, saturação e temperatura no processo pictórico. Procurei destacar as possibilidades criativas próprias de cada contexto de ensino, evidenciando que diferentes realidades produzem modos singulares de compreender e aplicar a cor como linguagem visual, expressiva e pedagógica.

Essa experiência permitiu-me compreender melhor as condições do ensino da arte naquele contexto e reforçou a percepção de que construir um objeto como o CCM é apenas o primeiro passo. O principal desafio está em adaptá-lo e torná-lo funcional e acessível em diferentes contextos de ensino, considerando as especificidades e limitações de cada realidade educacional do Brasil.

Nas trocas realizadas entre os professores, tornou-se evidente a escassez de materiais pedagógicos voltados ao estudo cromático e a ausência de programas sistemáticos de formação continuada para professores de arte no Estado do Amapá, o que revela uma lacuna persistente na formação docente. Esta reflexão despertou no grupo um interesse pelo tema e levou à proposta de organizarem grupos permanentes de estudo e formação continuada voltados às práticas artísticas entre professores de arte da região.

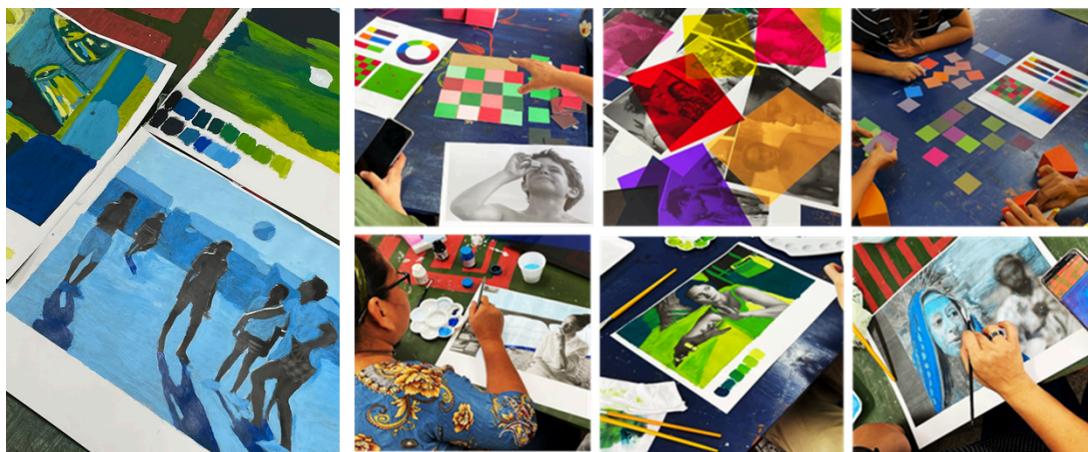


Figura 6: Fotomontagem. Registros do Minicurso “Trânsitos entre pintura e documentação pedagógica” realizado com professores da Rede Estadual de Ensino do Amapá. Nas imagens, professores utilizando o CCM nas etapas de produção. (Fonte: Acervo Estúdio de Pintura Apotheke, 2022).

Considerações em novos desafios

As ações analisadas ao longo desta pesquisa demonstram que o ensino da cor pode constituir-se como um campo ampliado de investigação, criação e reflexão crítica. Com base em princípios de um caminho a/r/tográfico, busquei integrar a prática artística, o pensamento teórico e a docência em experiências que articulassem o fazer e o pensar sobre a cor levando-me a ampliação e atualizações de teorias que venho explorando a quase uma década junto de meu grupo de pesquisa e estudo, o Estúdio de Pintura Apotheke. As práticas realizadas em escolas e universidades evidenciaram que a aprendizagem cromática é mais significativa quando ocorre por meio da ação experiencial, da interação coletiva e da reflexão situada, reafirmando o papel do professor artista como proposito de situações de aprendizagem e mediador de processos investigativos, criativos e pedagógicos.

O CCM, desenvolvido a partir dos estudos de Johannes Itten, consolida-se a cada nova experiência como um aparato metodológico potente, um objeto propositivo capaz de articular teoria e prática no ensino da cor em diferentes contextos, desde que utilizado com criticidade e intencionalidade inventiva. Sua aplicação em ambientes diversos evidencia seu potencial de adaptação e de multiplicação metodológica, atuando como dispositivo mediador entre criação, percepção e ensino. O CCM revelou-se não apenas um recurso didático, mas um objeto de investigação e diálogo, que favorece a autonomia dos participantes e amplia a compreensão da cor como elemento estruturante das narrativas visuais e dos processos artísticos.

Assim, esta pesquisa reafirma a importância de metodologias que tornem o estudo da cor aproximado, dinâmico e participativo, considerando as singularidades de cada contexto educacional.

Com base nos fundamentos filosóficos de John Dewey (2010), comprehendo que a continuidade e a interação são princípios essenciais na constituição da experiência estética e educativa. As ações desenvolvidas nesta pesquisa operaram sob essa lógica, estimulando a construção de experiências que se estendem para além do tempo e do espaço da sala de aula, instaurando um ciclo contínuo de observação, criação e reflexão. A partir dessas experiências, foi possível constatar que o ensino da cor, quando fundamentado em práticas investigativas, não se restringe ao domínio técnico, mas se transforma em um processo de reconstrução de saberes e de atualização constante do olhar sensível e crítico.

Assim, este estudo reafirma a importância da prática artística como campo de formação e pesquisa e a necessidade de compreender o ensino da cor como uma dimensão pedagógica, estética e social. As ações com o CCM demonstraram que o ato de ensinar e aprender cor envolve não apenas o exercício perceptivo, mas também a produção de sentido, o diálogo e a experiência compartilhada. A pesquisa, portanto, propõe um deslocamento metodológico: do ensino da cor como conteúdo isolado e estático para a cor como agente formador e experiencial em pleno movimento de ideias, capaz de articular arte, pensamento crítico e reflexivo e docência. Ao adotar uma postura investigativa e engajada, o professor artista consolida seu papel como sujeito ativo na criação de contextos democráticos de aprendizagem, em que a arte se torna meio e destino em experiências singulares necessárias à formação humana.

Referências

- BARONE, T.; EISNER, E. W. **Arts Based Research**. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2011. 204 p.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.
- DEWEY, J. **Como pensamos**: como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959. 292 p.
- DEWEY, J. **Democracia e educação**. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979. 416 p.
- DEWEY, J. **A escola e a sociedade**: a criança e o currículo. Lisboa: Relógio D'Água, 2002. 180 p.
- DEWEY, J. **Arte como experiência**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010. 648 p.

IRWIN, R. L. A/r/tografia: engajamento como filosofia de pesquisa e prática profissional. **Revista Científica/FAP**, v. 14, n. 1, p. 10–22, 2016.

IRWIN, R. L. A/r/tografia. In: DIAS, B; IRWIN, R. L. (org.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2013. p. 27–35.

IRWIN, R. L.; SPRINGGAY, S. A/r/tografia como forma de pesquisa baseada na prática. In: DIAS, B.;

IRWIN, R. L. (org.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2013. p. 121–141.

ITTEN, J. **The Art of Color**. New York: Van Nostrand Reinhold Company, 1973. 155 p.

JESUS, J. O professor-artista como vírus. **Revista Apotheke**, v. 3, n. 2, p. 1–16, 2016.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação. **Curriculum Base da Educação Infantil e do Ensino Fundamental do Território Catarinense**. Florianópolis, 2019.

SILVA, Tharciana Goulart da. **Coletas docentes: uma leitura a/r/tográfica**. 2022. Tese (Doutorado) em Artes Visuais, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2022. Disponível em: <https://repositorio.udesc.br/handle/UDESC/17334>. Acesso em: 14 nov. 2025.